DAS LETRAS

istema de governo, a República
ores e artistas, em geral, uma idéia
vida. Por isso mesmo as letras floresceram
primeiros anos que se seguiram à Proclamação.
de Assis, Raimundo Correia, Euclides,
uns dos grandes nomes da época.

Carlos Lisboa

ci- **matical** e um livro de versos
os em 1890. **O Ateneu,** de Raul
o Pompéia, havia aparecido
a em 1888, e o autor é convi-
i- dado, após a Proclamação
m da República, a dirigir a Bi-
o blioteca Nacional. Olavo
O Bilac continua a fazer suas
O conferências e a editar suas
os poesias. O jovem Euclides
si- da Cunha retorna ao Exér-
a cito, depois de trabalhar co-
a mo jornalista em São Pau-
o- lo.

Colabora, mais tarde, com o Barão do Rio Branco, no Ministério das Relações Exteriores. Vicente de Carvalho, paulista de Santos, publica **O Relicário** na véspera da República e tem seus poemas declamados nas festas, nas redações, nas confeitarias:

> *"Deixa-me, fonte, dizia*
> *A flor, tonta de terror*
> *E a fonte, sonora e fria*
> *Cantava, levando a flor"*

Para concluir de um modo que emocionava os ouvintes:

> *"As correntezas da vida*
> *E os restos do meu amor*
> *Resvalam numa descida*
> *Como a da fonte e da flor."*

Mas havia drama, também, em meio à inteligência que emergira com a República. Derrotado na eleição de deputados, Silva Jardim embarca para a Europa com a mulher e dois filhos. Era atlético, gostava de arriscar-se. Nos penhascos de Cascais, em Portugal, assusta o romancista Pinheiro Chagas, que o vê dançar nas bordas do abismo. Em Paris visita o Quartier Latin na companhia de Blasco Ibañez, e um mês depois os jornais parisienses noticiam sua morte em Nápoles, na cratera do Vesúvio. José do Patrocínio diz dele, no Brasil: "A sua palavra, como a de Jesus, aspirava a um dorso de montanha."

D. Pedro II lê a notícia da morte de seu adversário político no Corriere di Napoli, **e fica muito emocionado.**

Autores mais lidos pelos cariocas. Eça, Machado de Assis, Raul Pompéia

Algum tempo após o 15 de novembro, a revista **A Semana**, de Valentim Magalhães e Max Fleiuss, faz uma sondagem de opinião para saber o que os cariocas liam na época e o resultado não surpreende ninguém: **Os Maias** e **O Primo Basílio**, de Eça de Queirós, **Memórias Póstumas de Braz Cubas** e **A Mão e a Luva**, de Machado de Assis. **O Ateneu,** de Pompéia, é o que se segue na preferência dos leitores. A Livraria Francisco Alves publicava, então, **As Aves do Brasil,** de Goeldi, e a Imprensa Nacional lançava o primeiro volume do **Apontamentos para o Dicionário Geográfico do Brasil,** de Alfredo Moreira Pinto. Clóvis Bevilácqua surge com **Frases e Fantasias,** Júlio Salusse com **Nevrose Azul,** um livro exótico, e Araripe Júnior com um estudo sobre Gregório de Matos.

Num país com 14 milhões de habitantes, com 6.161 escolas primárias e 248 mil estudantes, a freqüência às salas de curso superior conheciam a média de 1.500 estudantes. A maior faculdade era a de Direito, no Recife, seguida da de Direito de São Paulo e da de Medicina no Rio de Janeiro. As escolas de Farmácia vinham logo a seguir, em prestígio. Alguns retratos da época aparecem depois na ficção de grandes escritores: Machado de Assis mostra em **Esaú e Jacó** os acontecimentos que se precipitaram depois do baile da Ilha Fiscal, e Coelho Neto revela, em **A Conquista**, o que se passou com a geração que fez a Abolição e depois a República.

No mesmo ano da Proclamação aparece na Rua do Ouvidor um **magazin** do tipo parisiense: A Torre Eifell. A imensa Praça da Aclamação, onde fica o Campo de Santana, agora, recebe o nome de Praça da República. Ali, no prédio onde o Marechal Deodoro da Fonseca morou, instala-se uma repartição e mais tarde um museu. Carlos Gomes chega da Europa para assistir à estréia de sua ópera **O Escravo**. O povo faz muita brincadeira em torno da crença de que o compositor "é filho natural de D. Pedro". Artur Azevedo vai receber o músico mas não dispensa um verso brincalhão, na sua coluna de **O País**:

> *"Fazer pomposa homenagem*
> *Da música pátria o bravo,*
> *Quando ele, após a lei Áurea,*
> *Inda nos traz* ***O Escravo.***"

Joaquim Nabuco fez sua profissão de fé monárquica a 7 de junho de 1889. Abolicionista e liberal, ajudou a fortalecer o republicanismo sem se dar conta disso. Rui Barbosa fora monarquista um tanto apático, razão por que prefere preocupar-se com o federalismo quando todos discutiam a República. "Federação, com ou sem coroa", diz o tribuno. E a vida continua, nos grandes centros brasileiros, como se nada tivesse mudado. O Imperador está no exílio, há gente nova no poder, mas de resto é tudo a mesma coisa. Os salões, as confeitarias, a conversa no *foyer* dos teatros, um livro novo que aparece para deleitar ou escandalizar os que fazem da leitura um prazer e um motivo para a conversa. Em pouco tempo, o país está falando na Guerra de Canudos e já ninguém mais se lembra se é republicano ou monarquista.

Manoel Victor Filho, professor de desenho, pintor, ilustrador e programador visual. Ilustrou as obras infantis de Monteiro Lobato.